



## **O sensacionalismo no telejornalismo brasileiro: uma análise do *fait divers* no Jornal Nacional<sup>1</sup>**

Carolina Flores Marasco da CUNHA<sup>2</sup>  
Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

### **RESUMO**

Neste trabalho buscaremos refletir através dos pressupostos teóricos de Roland Barthes (1971) a cobertura midiática sensacionalista presente na mídia brasileira através de uma análise de duas matérias colhidas do Jornal Nacional, telejornal de maior audiência da Rede Globo de Televisão, bem como, o seu grande destaque na pauta jornalística. O artigo busca demonstrar os motivos pelos quais telejornais incluem com grande frequência em sua programação *fait-divers* e seus desdobramentos na mídia sensacionalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** sensacionalismo; telejornalismo; *fait-divers*

### **INTRODUÇÃO**

Podemos perceber no jornalismo atual, principalmente nas coberturas televisivas, a crescente utilização de recursos sensacionalistas. A presença constante de notícias relacionadas a fatos e acontecimentos surreais ou de aspecto policial transcendem o caráter informativo. Dessa forma, consegue-se enxergar com mais clareza a luta dos veículos de comunicação para que os receptores da informação tenham sua atenção voltada única e exclusivamente para o seu produto.

O objetivo desse trabalho é analisarmos a abordagem televisiva de como as notícias, a respeito de uma caso específico – dois enfermeiros uruguayos que assassinaram 16 pacientes - são reproduzidas. É importante ressaltarmos que não pretendemos generalizar os processos midiáticos, ou seja, as análises serão feitas em duas matérias específicas de um dado tema, sem o objetivo de analisar a mídia como um todo. Pretendemos, portanto, analisar se este tipo de característica da linguagem empregada pode ou não cumprir na sociedade a sua função social de informação. Além disso, a análise realizada pretende questionar como o jornalismo transmite notícias de morte, crimes, etc.; utilizando a linguagem do sensacional com a intenção de conseguir cada vez mais audiência.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel)



Atualmente, a mídia é apontada como a grande formadora de opinião da sociedade. É ela que muitas vezes reprime, julga, criminaliza, fiscaliza e forma aquilo que a opinião pública assimila como a verdade. Neste caso, a pergunta que nos fazemos e se é possível a mídia ter este caráter apelativo e ao mesmo tempo ter a postura de informar a sociedade. Cabe ressaltar como a televisão cumpre o papel de informar em um contexto de massa. O telespectador pertence à massa, e a reprodução de notícias para este segmento é, de acordo com a abordagem televisiva, necessariamente apelativa. Pode-se supor que o sensacionalismo possa impulsionar a sociedade para ações sociais, revoltas, enfim, que possa mobilizar a sociedade sobre a violência e que ela passe a cobrar proteção e a punição dos culpados. Entretanto é necessário entender que a mídia, em diversos momentos, já dita quais são culpados e como eles devem ser punidos. A mídia lida com o emocional do telespectador e o estimula emocionalmente com o objetivo de alcançar audiência e mais lucros para os veículos.

O jornalismo avançou e com ela a sociedade também evoluiu. Os valores-notícias tentaram acompanhar esta mudança, com uma maior expressão popular. Mas, o jornalismo popular confundiu-se em diversos veículos com a linguagem chula e recheada de pré-conceitos. Com a desculpa de serem mais populares, o jornalismo apostou nos *fait-divers*. O conceito de *fait-divers* pode ser trabalhando a partir dos pressupostos apresentados por Roland Barthes (1971), desenvolvendo em critérios de causalidade e coincidência. Acontecimentos diversos que se analisados pouco dizem começaram a ser destaque nos telejornais. Crimes, acontecimentos bizarros, celebridades e outros tantos fatos que pouco interessam ao jornalismo viraram produto para alcançar audiência e viraram notícia. O jornalismo se misturou com o entretenimento e dessa forma, muitas vezes, deixou de cumprir a sua função dentro da sociedade.

Na primeira parte deste trabalho abordaremos o panorama da globalização, contextualizando o fenômeno e o objeto de estudo. Para tanto será feito um breve histórico da globalização e da mídia inserida neste cenário. Em seguida, na segunda parte, serão abordadas as características da mídia televisiva, a fim de traçarmos uma linha estrutural deste veículo de comunicação.

No momento seguinte, norteados pelos pressupostos de Roland Barthes (1971) abordaremos os conceitos teóricos que guiaram este trabalho. Posteriormente, a quarta parte mostrará a metodologia aplicada para estruturação deste artigo.



Após serão realizadas as análises de duas edições do Jornal Nacional<sup>3</sup>, nos dias 19 e 20 de março de 2012 sobre o caso de dois enfermeiros uruguaios que assassinaram 16 pacientes. Depois serão apresentadas as considerações finais do trabalho apresentado.

Dois hipóteses serão o pressuposto inicial do artigo. A primeira, mais abrangente, denota o *fait-divers* como estrutura invariante da abordagem do Jornal Nacional no contexto da linguagem sobre o caso dos enfermeiros uruguaios. Particularmente, o *fait-divers* de causalidade, através da classificação de causa perturbada, é a estrutura hegemônica do telejornal na abordagem do caso analisado.<sup>7</sup>

### **1- A mídia no panorama da sociedade global**

O atual panorama da globalização mundial nos transporta a um cenário de empresa transnacionais, dos conglomerados econômicos, do livre comércio e das privatizações. Estados Unidos, Japão, e a Europa exercem um papel de protagonista na atmosfera do capital, do lucro e das grandes corporações. Juntamente com a globalização, o capitalismo global ou neoliberalismo, pode nos mostrar mais como esse sistema funciona – os países menos “desenvolvidos” tem as suas condições sociais agravadas pelos gigantes da globalização. Dessa forma, o novo sistema da economia global apenas salienta as desigualdades entre os países e desenvolvimento; muitos situados na América Latina, e os gigantes da economia.

Toda a sociedade é afetada. Os valores da sociedade mudam e até mesmo a cultura das nações é afetada. Para Baumam (1999), a auto-suficiência militar, econômica e cultural - chamados de “tripé da soberania” – é alterada nesse novo cenário da globalização. As dificuldades sociais, como o desemprego gerado pela substituição do homem por máquinas, agravam a insuficiência militar que contribuem para que outros fatores sejam envolvidos, como a insegurança da sociedade e o recrudescimento da violência,

Passando para os aspectos culturais, é possível perceber a transformação da sociedade durante a globalização. A avalanche da indústria cultural, em todos os aspectos, estimula à sociedade do consumo que é alimentada constantemente pelos

---

<sup>3</sup> O Jornal Nacional vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 20h15min e possui em média 40 minutos de duração. O telejornal é produzido no Rio de Janeiro e transmitido para as outras emissoras. Está dividido em cinco partes, blocos, com intervalos comerciais. O Jornal Nacional é o telejornal com maior audiência na televisão brasileira e sua primeira edição foi ao ar no dia 1º de setembro de 1969, em pleno regime militar.



produtos feitos sob medida e pelo seu curto prazo que fomenta cada vez mais o descarte e o consumo rápido, de acordo com García Canclini (1995). O Estado perde sua força e fica preso às manobras econômicas; a sociedade em geral tenta se ajustar a uma nova era do consumo para viver e do viver para o consumo.

Os meios de comunicação de massa inseridos nesse cenário constituem em um dos principais agentes de mediação entre os fatos e a sociedade. É através da cultura da mídia que os laços sociais são firmados e fortalecidos, bem como, os elementos que padronizam os discursos e identidades. Para Kellner (2001), a cultura midiática é tão presente na sociedade que consegue substituir; através de suas imagens, veiculações, celebridades e aspectos, as entidades como a família, a escola e a Igreja. A mídia passa, portanto, a exercer as funções de “árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento” (Kellner, 2001, p.27).

Submersos a este cenário da globalização, a mídia tradicional brasileira – foco deste trabalho – fomenta a construção de mitos, estereótipos e “achismos” em um primeiro plano, construindo também em outras esferas da sociedade os hábitos, modas e maneiras de pensar e expressar. A real intenção dos meios de comunicação, ao usar esta abordagem, é sempre alcançar mais audiência e conquentemente mais lucro. Para isto, utiliza diferentes elementos, oficiais ou não, e que nem sempre são de grande função social, como por exemplo, o uso constante de *fait-divers*.

## **2 – A mídia televisiva**

Para Dominique Wolton (1996), a televisão cumpre o papel de laço entre as classes sociais até hoje. A televisão, inserida no contexto da sociedade atual, é um meio de comunicação com amplo alcance social e abrange diversas classes. Ela é capaz de reunir vários indivíduos e públicos diferentes e distantes e os oferta a participação de cada um em um todo.

A televisão é um meio de divulgação em massa que consegue agrupar sentido humanos, e de certa forma, consegue agrupar os mais importantes deles. De acordo com Wolton, ela possui peculiaridades em seu gênero, destinado a um público imenso, heterogêneo e anônimo. Ela ainda possui dimensões inseparáveis, simétricas e que se completam, de acordo com Wolton (1996).

Uma delas é a dimensão social e a outra é a dimensão ligada à imagem; a técnica e ambas formam uma espécie de aliança. A televisão é um veículo que proporciona à



sociedade diversas opções em sua grade de programação, misturando informações e entretenimento. A linguagem televisiva pode ser analisada como um meio que exerce presença constante na vida das pessoas, já que é ela que oferece assuntos para discussões, fomentando e estabelecendo dessa forma os laços sociais.

Conforme Bourdieu (1997), a televisão é um instrumento de comunicação dotado de pouca autonomia, que gera tensões. Sobre a pouca autonomia da televisão, Bordieu, afirma que dentro dela são contidas uma série de restrições entre aqueles que a produzem:

A televisão é um instrumento de comunicação pouco autônomo, sobre o qual pesa toda uma série de restrições que se devem às relações sociais entre os jornalistas, relações de concorrência encarniçada, implacável, até o absurdo, que são também relações de conivência, de cumplicidade objetiva, baseadas nos interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e no fato de que têm em comuns estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, à formação (ou à sua não formação) (BOURDIEU, 1997, p. 50- 51).

Segundo ele ainda “levadas pela concorrência por fatias de mercado, as televisões recorrem cada vez mais aos velhos truques dos jornais sensacionalistas [...]” (BOURDIEU, 1997 p.73).

Outros autores salientam ainda a perspectiva da televisão enquanto indústria cultural. Para Fábio Cruz (2004), a televisão se destaca entre as principais indústrias culturais, ele ainda afirma que a televisão contribui de forma ampla para o desenvolvimento econômico de uma nação e que exerce a função de agente de formação cultural da população.

A comunicação de massa é exposta à sociedade, o grande público, e também aos produtos da indústria cultural. É nesta linguagem de massa que podemos inserir as notícias de variedades (*fait-divers*), os programas investigativos que se alimentam das falhas do poder público para alcançar a grande audiência e também os programas de auditório.

Mas ainda complementando Wolton (1996), segundo o autor o público ao é totalmente alienado, mas sim influenciado pelas apresentações da mídia televisiva. Para ele o público pode ser influenciado principalmente por programas de baixa qualidade, sendo assim ele nunca é passivo ou alienado, já que falar ao falarmos em alienação pressupõe-se que o público perca o seu livre-arbítrio.



### 3 – Os *fait-divers* e a abordagem do telejornalismo espetacular

Por trás da sedução imposta pela mídia, através da construção de mitos e estereótipos, regras, modas e hábitos, o objetivo principal é o alcance da audiência. Para isto, a mídia se utiliza de uma linguagem cada vez mais recheada de *fait-divers*, ou um uma tradução livre, fatos diversos. Em um panorama geral, o *fait-divers* é a informação sensacionalista; estimula a transitoriedade e a memória curta. Estes fatos diversos revelam algumas premissas da era global, onde as informações devem ao mesmo tempo, possuir fluidez e emoção para atingir as pessoas. Esta categoria de fatos reproduzidos pela mídia foi criada por Roland Barthes (1971). De acordo com Barthes podem ser classificadas em dois tipos: causalidade e coincidência; e são formadas pelo grotesco, excepcional e que valorizam o espetacular.

O *fait-divers* de causalidade pode ainda ser subdividido em dois grupos; causa perturbada e causa esperada, segundo (Barthes, 1971, p.266-271). A causa perturbada é quando se desconhece ou não é possível precisar a causa de tal fato e ainda, quando uma pequena causa provoca um grande efeito. A causa esperada é quando a causa é corriqueira, normal, comum e a atenção se foca em personagens dramáticos que podem causar mais comoção, como crianças, mãe ou idosos.

Ainda de acordo com Barthes (1971, p.271-275), o *fait-divers* de coincidência pode ser segmentado em dois outros subgrupos, o de repetição e de antítese. A repetição é quando uma informação repetida leva o receptor a supor causa desconhecidas, que acontecem em aspectos diferentes. A antítese ocorre quando se assemelham dois termos de qualidade distante, isto é, a antítese une dois termos opostos, estabelecendo a fusão de dois percursos diferente em um único.

Podemos dizer, portanto, que os conflitos humanos criam evidência pelos espaços da mídia e se encontram no *fait-divers*. A mídia cria uma mediação entre os conflitos, intervindo pela fatalidade. Angrimani (1994, p. 27) destaca que em 1631 o jornal Gazette de France lançou “edições extraordinárias de grandes tiragens, consagradas aos *fait-divers* sensacionais.”

Após esta publicação outros jornais seguiram a linha sensacionalista, guiados estratégia do lucro. Os *fait-divers* estão presentes na mídia tanto nas abordagens de realidade e ficção, espalhados pelos diferentes meios e veículos do jornalismo.

Barthes (1971) ainda ressalta o consumo imediato dos *fait-divers*. O autor comenta que os fatos diversos se fecham em seu próprio contexto. Os *fait-divers* estão



no aqui e no agora e presos ao presente, são narcísicos, pois se reivindicam por imanência.

As relações que dizem respeito ao *fait-divers* expressam conflito, atingem a emoção do receptor. Monestier acredita que a forma como a notícia é redigida e editada serve como grande ligação entre a notícia e o receptor. Dessa forma o *fait-divers*, para Monestier (apud Angrimani, 1994, p.30) surge com um campo livre aberto e que o fomenta a projetar as suas próprias fantasias. Ele ainda acrescenta “a leitura de uma reportagem nunca é inocente” e o público nunca a recebe como apenas informações (apud Angrimani, 1994, p. 30 – 31).

Posicionando-se dessa forma à frente de instituições formadoras de opinião e valores de nossa sociedade, os meios de comunicação adquirem caráter de centralização. Inseridos neste contexto, os meios agem simultaneamente com as forças hegemônicas da sociedade. A cultura da mídia neste caso transmite os estereótipos e pré-conceitos imersos na sociedade:

A ideologia pressupõe que “eu” sou a norma, que todos são como eu, que qualquer coisa diferente ou outra não é normal. Para a ideologia, porém, o “eu”, a posição da qual a ideologia fala, é (geralmente) a do branco masculino, ocidental, de classe média ou superior; são posições que vêem raças, classes, grupos e sexos diferentes dos seus como secundários, derivativos, inferiores e subservientes. A ideologia, portanto, diferencia e separa grupos em dominantes/dominados e superiores/inferiores, produzindo hierarquias e classificações que servem aos interesses das forças e das elites do poder. (Kellner, 2001, p. 83)

A partir desses conceitos podemos entender a mídia como um cenário de conflitos onde diversas forças da sociedade se expressam e se apresentam em uma espécie de espetáculo. Os meios de comunicação, portanto, recebem e reproduzem estes conflitos, refletindo assim o embate entre setores hegemônicos e contra-hegemônicos da sociedade.

Elementos associados a grandes shows e não mais ao jornalismo é uma tendência presente e constante no telejornalismo atual. É possível perceber o crescimento da espetacularização nos meios de comunicação a cada dia. A utilização da televisão como espetáculo já não uma moda ou tendência a seguir, ela já uma característica, forma consolidada. Na maioria das vezes, é este espetáculo que sustenta os níveis de audiência e por fim, o lucro dos grandes veículos.





#### **4 – Metodologia**

Neste trabalho nos guiaremos pelo método estrutural. Através de uma pesquisa semiológica, contando com uma abordagem dialética, utilizaremos os pressupostos teóricos de Roland Barthes (1971).

Produzir conhecimento da realidade, dentro do horizonte epistemológico do estruturalismo de acordo com Demo (1992), implica em revelar os elementos constituintes, constantes supraespaciais e supratemporais. Ainda segundo Demo, o termo estrutura é relacionado ao essencial; é a base. “Refere-se ao todo, onde convivem partes convergentes e divergentes em uma relação dialética, delineada pelo movimento.”

Na abordagem estruturalista, o mais importante não é o dito; as histórias, os protagonistas e as circunstâncias são significações variáveis no tempo e no espaço. São efêmeros e podem possuir caráter perecível. O que é levado em consideração é a estrutura, a forma de dizer.

A estrutura é peça essencial para o *fait-divers* para Barthes (1971, p.299). “A estrutura é, pois, na verdade um simulacro do objeto, mas um simulacro dirigido, interessado, uma vez que o objeto imitado faz algo que permanecia invisível, ou se preferirmos, ininteligível no objeto natural.” Para Fábio Cruz (2000, p. 62), o telejornal Jornal Nacional, no que se refere ao processo de construção de *fait-divers* terá seu cenário voltado ao tipo de informação e sua respectiva organização, o que dará mais importância à investigação da estrutura invariante da linguagem do programa.

Portanto, o estudo da construção dos *fait-divers*, pelo telejornal Jornal Nacional, será constituído por duas reportagens dos dias 19 e 20 de março de 2012. Analisaremos o tipo de informação, pela construção da linguagem utilizada, particularmente pela construção do *fait-divers* de causalidade que seria a estrutura hegemônica do veículo.

#### **5 – O *fait-divers* e o caso dos enfermeiros uruguaios no Jornal Nacional**

Na edição de 19 de março de 2012, que durou 58 segundos, a apresentadora do Jornal Nacional, Patrícia Poeta, apresenta o caso dos dois enfermeiros uruguaios que assassinaram 16 pacientes em dois hospitais de Montevidéu.

A reportagem da correspondente de Buenos Aires na Argentina Delis Ortiz mostra imagens dos hospitais onde as mortes aconteceram. De acordo com a reportagem, os pacientes recebiam doses de morfina ou de ar na veia e os enfermeiros alegaram razões humanitárias nos assassinatos. Em um momento são mostrados alguns





enfermeiros do hospital, sem ser os acusados, para que telespectador fica mais atento às imagens. Isto é um instrumento muito utilizado no telejornalismo, já que é necessária a utilização de imagens todo o tempo. Para Bucci (1993) o formato espetacular é uma forma de atrair mais o público, fórmula que já se tornou obrigatória na programação.

O telejornal, mais que o jornalismo impresso tem de entreter. O tempo todo. Uma nota entediante de 10 segundos é fatal. O telespectador foge. A cor é obrigatória. O movimento é obrigatório. É por isso que o principal critério da notícia é a imagem. Se não há uma imagem impactante, dificilmente o fato merecerá um bom tempo no telejornal. O apresentador do telejornal é outro ingrediente-chave. Ele desenvolve com o telespectador um vínculo de familiaridade como se fosse um ator, um astro. Vivemos em um tempo que jornalistas da TV são celebridades, são símbolos sexuais. Enfim, aqui, como no resto do mundo, o público sente desejo pelo programa o telejornal. (BUCCI, 2000, p.29)

Percebe-se o *fait-divers* de causa perturbada, onde ocorrem fatos excepcionais que a causa é desconhecida ou ainda imprecisa, sem lógica, sem sentido. É nisto que a matéria se apóia no fato excepcional de profissionais da saúde matar pacientes. Uma possível causa é levantada pela advogada de defesa, as razões humanitárias, mas quais seriam estas razões e porque levariam a morte dos pacientes não é especificada ou sequer é retomada.

Na edição do dia 20 de março de 2012, que durou 1 minuto e 22 segundos, o apresentador do Jornal Nacional, Willian Bonner, anunciava que detalhes ainda mais chocantes sobre a ação criminosa de dois enfermeiros uruguaios que mataram 16 pacientes haviam sido revelados pelas autoridades e pela investigação do caso.

Durante a reportagem de Delis Ortiz, apenas é mostrada imagens do hospital onde os enfermeiros trabalhavam e dos órgãos de justiça do Uruguai onde a investigação do caso acontecia. Pode-se notar durante a fala da repórter apenas suposições e especulações do que realmente poderia ter acontecido. A intenção dos enfermeiros ainda chega a ser explicada já que na fala ela comenta que aos poucos trechos do interrogatório do juiz começam a ser revelados. Ela ainda acrescenta que apenas um deles matava dois pacientes por semana.

O Jornal Nacional apresentou um fato espantoso, que implica em conflito, perturbação já que comenta que em sete anos mais de 200 pacientes poderiam ter sido



mortos, além do apelo pela repercussão de um fato estranho, bizarro. Este fato constitui o *fait-divers*, já que busca a atenção do receptor através do conflito que causa a emoção.

Levando em consideração o *fait-divers* de causa perturbada, onde ocorrem fatos excepcionais que denotam perturbação, mas que, no entanto, a causa é desconhecida ou ainda imprecisa, sem lógica, sem sentido, percebe-se nos termos aplicados que da mesma forma como não como saber a causa do fato, ainda assim uma pequena ação desencadeou um grande conflito, denominando assim a relação de causalidade, que devido a certos estereótipos, espera-se uma causa e encontra-se outra.

Na análise das duas edições notou-se a presença da causa perturbada, já que ainda não é possível conhecer a real causa dos 16 assassinatos confessados pelos enfermeiros. Não obstante, não é possível relacionar o aumento de mortes no setor de cardiologia, que a repórter comenta na segunda matéria, com a ação destes dois enfermeiros. Nas matérias citam-se autoridades que não são especificadas, além disso, elas comentam que “havia uma disputa entre os dois enfermeiros para ver quem assassinava mais pacientes”, mas a repórter não comentada em nenhuma parte qual seria esta disputa, como seria feita e como as autoridades chegaram a esta conclusão.

Pelo que se pode perceber a partir desta análise, *fait-divers* de acordo com Monestier (apud Angrimani, 1994, p.28) é “repetitivo” já que em apenas 1 minuto e 22 segundos repetiu-se três vezes o número de morte e “seletivo” já que foi apresentado um caso específico e que ainda não era possível solucionar.

Verificamos, portanto, nesta observação o *fait-divers* de causalidade, em particular o de causa perturbada, que é uma de suas classificações, a presença desta categoria como estrutura hegemônica desta matéria, já que ela apresenta todas as características das hipóteses apresentadas. Cabe ressaltar também a colocação de Nelson Traquina (2005) que refere-se a escolha do valor-notícia empregado muitas vezes dentro de notícias do cotidiano: a morte. Para ele, “onde há morte, há jornalistas.” A morte consagra-se então como um valor-notícia, dentro da comunidade interpretativa atual, “fundamental.”

Por fim, analisadas as duas matérias do caso dos enfermeiros uruguaios que teriam assassinado pacientes, percebeu-se o uso do *fait-divers* de causalidade, através da sua subclassificação de causa perturbada, formando assim a estrutura hegemônica das notícias veiculadas sobre o caso no Jornal Nacional.

## **6 – Considerações finais**



Neste trabalho analisamos duas edições do Jornal Nacional, dos dias 19 e 20 de março de 2012, no qual buscamos a estrutura da linguagem do telejornal Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, em relação ao caso de dois enfermeiros uruguaios que teriam assassinado 16 pacientes.

Com o objetivo de analisar a construção do caso específico no Jornal Nacional, foram usados os pressupostos teóricos de Roland Barthes (1971), fixados na categoria de *fait-divers* apresentada pelo autor. A escolha do Jornal Nacional deve-se ao fato de este ser o telejornal com mais audiência na televisão do Brasil e que possui caráter hegemônico. O Jornal Nacional é o principal telejornal da quarta maior emissora de televisão do mundo e possui grande responsabilidade naquilo que transmite aos telespectadores.

O principal objetivo deste artigo consiste na investigação de uma estrutura não variável, o *fait-divers*, e como ele está presente na linguagem atual, centrado em um caso específico, do telejornal Jornal Nacional. É importante salientarmos que não buscamos a interpretação geral destes casos na mídia, mas sim uma demonstração de análise através de duas matérias veiculadas em um telejornal.

Para Barthes (1971), o *fait-divers* de coincidência apresenta dois subtipos: antítese e repetição. Na antítese, ocorre a união de dois termos opostos, como se nunca tivessem sido. Já na repetição, a informação repetida leva a imaginar causas desconhecidas. O *fait-divers* de causalidade possui duas classificações: a causa perturbada, onde não é possível conhecer a causa do fato ou ainda uma pequena causa gera um grande efeito. A causa esperada é quando o fato é comum, rotineiro e recai-se a atenção para os personagens dramáticos – mãe, criança e idoso.

Superficialmente, o Jornal Nacional não apresenta características sensacionalistas. O telejornal caracteriza-se pelo seu pioneirismo, estilo jornalístico, tradição e oficialismo. O *fait-divers* e a própria televisão independem do estilo adotado jornalisticamente e apenas mostram sem aprofundamento os fatos do dia. Portanto, podemos concluir que priorizam a superficialidade como padrão jornalístico, estimulando a emoção. Dessa forma, o sensacionalismo está presente no discurso da televisão, principalmente no telejornalismo.

Programas que possuem caráter grotesco, sensacional, discriminatórios, onde o sexo e a violência são pautas confirmadas, possuem o seu lugar garantido na grade de programação das emissoras. Tudo isso é estimulado pela “mentalidade-índice-de-audiência”, termo descrito por Bordieu (1997, p.37), onde tudo é feito pensando-se em



sucesso comercial, em audiência. Estes programas chamam atenção, chocam, pois mechem com as emoções daqueles que os assistem.

Submetida à audiência, ao lucro, a Rede Globo de Televisão, apresenta cada vez mais noticiários fúteis, sem grau de importância. O mais relevante é que até mesmo o Jornal Nacional, um telejornal que afirma possui uma postura séria e tradicional, onde mostra de forma veemente as notícias do país, se deixou levar e influenciar pela febre sensacionalista, apresentando matérias cada vez mais superficiais e sem relevância.

Informando sem aprofundar dados, legitimando o conflito e fomentando a emoção, nota-se a presença do *fait-divers* na abordagem telejornalística do Jornal Nacional. Tendo como norte as duas matérias do Jornal Nacional sobre o caso dos enfermeiros uruguaios observou-se o *fait-divers* de causalidade, com o subtipo causa perturbada como principal constituinte da postura hegemônica do telejornal.

A abordagem deste trabalho, portanto, buscou dialogar sobre a qualidade da televisão brasileira e como ela se apresenta como formadora de opinião, demonstrando o seu papel importantíssimo para a sociedade. Cabe salientarmos a necessidade imprescindível dos telespectadores e da sociedade na tomada de decisões sobre o direcionamento dos meios de comunicação, sobre sua qualidade e programação. Este artigo não possui caráter absoluto, mas buscou através da análise do caso, mostra o quanto se faz necessário dialogarmos e adquirirmos uma postura crítica frente aos veículos de comunicação brasileiros.

## 8 - Referências Bibliográficas

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue** – um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

BARTHES, Roland. **Ensaio crítico**. Lisboa: Edições 70, 1971.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000

BUCCI, Eugênio. Linha Direta. Com quem? In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita.

**Videologias**: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

CRUZ, Fábio. **Mercosul em pauta**: o poder e o *fait-divers* no telejornalismo brasileiro. Porto Alegre, 2000.

CRUZ, Fábio e MOURA, Marcelo. **Direitos humanos, movimentos sociais e mídia**: apontamentos iniciais e subsídios para debate. Disponível:



<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cruz-fabio-moura-marcelo-direitos-humanos-movimentos-sociais.pdf>. <acesso em 11 de abril de 2012.>

CRUZ, Fábio. **Consumidores de Hoje, Cidadãos de Outrora: A Pedagogia Crítica da Mídia** como Proposta de Fortalecimento da Cultura. Disponível:

<http://www.intexto.ufrgs.br/n11/an11a5.html>. <acesso em 13 de abril de 2012.>

DEMO, Pedro. **Metodologia científica das ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: Uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996